

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Tribuna

Class.: 10

Data: 13/04/91

Pg.: _____

Litoral Sul

Índio é detido por vender animais silvestres na feira livre de Itanhaém

ITANHAÉM — A apreensão de um tucano, ontem pelo presidente da Associação de Amparo aos Animais de Praia Grande, Waldir Rueda Martins, na feira livre de Itanhaém, poderia ser mais um simples caso de polícia envolvendo caça de animal silvestre. Ocorre que o infrator era o índio guarani Néelson Ortega, que não está sujeito a punições. O delegado Cássio Luís Guimarães Nogueira, do 1º Distrito, registrou a ocorrência, encaminhou a ave para depósito da Polícia Florestal e encaminhou Ortega aos cuidados da índia Ester da Silva Sobrinho, funcionária da Fundação Nacional do Índio (Funai), em Peruíbe.

Após receber denúncia de que o índio estava vendendo animais silvestres na feira livre, Rueda e o soldado florestal Ricardo Henrique, que estava à paisana, foram à feira, fazendo-se passar por turistas interessados em comprar tucanos. O índio Ortega apresentou a ave e combinou o preço: Cr\$ 50 mil. Foi levado à delegacia.

José de Moraes



O índio pretendia vender o tucano.

beração de Ortega, florestais e investigadores, além de Rueda, tentavam em vão dar água à ave, que estava agitada dentro de um cesto de vime encoberto por um saco e bicava quem se aproximasse.

Ortega disse na delegacia que era a primeira vez que tentava vender animais. Na feira, porém, ele revelou a Rueda e ao policial Ricardo que tinha vendido outros dois tucanos ontem e que tinha outros em sua casa, no Rio Branco, onde também mantinha um macaco em cativeiro.

Ao ser perguntado se ele não tinha pena de saber que o tucano, ao ser comprado por alguém, ficaria preso, Ortega abaixou a cabeça. "A gente não sabe fazer outra coisa, senão nem mexia com passarinho", disse ele, calculando que comercializar tucanos rende mais que vender palmito, outra atividade liberada aos índios guaranis.

COMÉRCIO

Enquanto o escrivão providenciava o documento para li-

José de Moraes



Ester, revoltada com a marginalização

Funcionária critica a Funai

"Meu povo aqui vegeta, ele não vive. Por quê? A gente conversa, quer pegar o fio da meada mas, por incrível que pareça, todas as três vezes que vim aqui (em Itanhaém) foi por causa da polícia". O desabafo é da índia Terena, Ester da Silva Sobrinho, que há um ano trabalha na Funai de Peruíbe. Ela compara a situação dos índios do Litoral Sul aos da Aldeia do Pantanal, em Mato Grosso do Sul, onde vivia. "Meus patrícios aqui estão se marginalizando. Ainda não cheguei à conclusão de porquê eles chegaram a esse estágio miserável".

Ester Sobrinho analisa que o problema não é o contato com a civilização branca já que os portugueses chegaram ao Brasil pelo Litoral e os guaranis trazem, de seus antepassados, his-

tórias do encontro com os colonizadores. "Eles contam conversas de seus antepassados com o padre Anchieta, o padre voador. Tem alguns que dizem ainda receber a visita de Anchieta. E eu acredito neles porque na inocência, eles dizem a verdade".

Junto à Funai, Ester Sobrinho faz um trabalho "de conscientização geral" do índio. Ela diz que fica triste toda vez que é obrigada a visitar a aldeia do Rio Branco, em Itanhaém, pela situação em que se encontram os índios. "Dentro da gente, o que fala mais alto é o sangue, o povo que vem lutando e sofrendo", diz a índia Terena, lamentando que a Funai não dê condições de trabalho. "Com isso quem sofre muito é o patrício".